

UM



Abrimos a porta de vidro do edifício e saímos para a luz que está demasiado prazenteira e brilhante. Faz imenso calor — o tipo de calor que se cola à pele, ao cabelo, até aos olhos.

— Bolas, porque é que nos inscrevemos nisto outra vez? — interroga o Ezra, com a voz enrouquecida. — É tão cedo. Ainda podia estar a dormir.

— Quer dizer, onze horas não é tecnicamente *cedo*. É… tu sabes… praticamente o meio do dia.

O Ezra acende um charro que tirou não sei de onde e oferece-mo, e fumamos o resto enquanto caminhamos. O *reggaeton* soa demasiado alto de um churrasco num parque das redondezas. O cheiro a fumo e a carne a cozinhar paira no ar, juntamente com os risos e os gritos dos miúdos. Atravessamos a rua, parando quando um homem numa bicicleta passa com uma aparelhagem a tocar Biggie, e descemos as escadas cheias de humidade da paragem Bedford-Nostrand G, passando os nossos cartões pelo torniquete no momento em que um metro chega à plataforma.

As portas do metro fecham-se atrás de nós. É um dos comboios mais antigos, tem manchas de pastilha elástica preta coladas ao chão e mensagens escritas a caneta nas janelas. R + J = 4EVER.

O meu primeiro instinto é revirar os olhos, mas se for honesto comigo mesmo, consigo sentir a inveja a brotar no meu peito. Que é que se sente quando se gosta tanto de alguém que se está disposto a despir publicamente o coração e a alma com um marcador preto? Como é que é amar alguém de todo? Chamo-me Felix Love, mas nunca estive *in love*. Não sei. A ironia às vezes dá-me a volta à cabeça.

Arranjamos um par de lugares laranja. O Ezra passa a mão no rosto enquanto boceja, encostado ao meu ombro. Fiz anos na semana passada, e adquirimos o hábito de ficarmos acordados até às três da manhã e passar o resto do dia deitados. Agora tenho dezassete anos e posso confirmar que não há grande diferença entre os dezasseis e os dezassete anos. Os dezassete são apenas um daqueles anos intermédios, facilmente esquecidos, como uma terça-feira, no meio entre os doce dezasseis e os dezoito anos em que és legalmente adulto.

Um homem idoso dormita à nossa frente. Uma mulher está de pé com o seu carrinho de bebé cheio de sacos de compras do supermercado. Um *hipster* com uma enorme barba ruiva segura a sua bicicleta com firmeza. O ar condicionado está a bombar. O Ezra observa-me enquanto me encosto ao ar gelado e põe-me um braço por cima dos ombros. Ele é o meu melhor amigo — o único amigo — desde que comecei a estudar em St. Catherine's há três anos. Não somos um casal, de forma nenhuma ou nada do género, mas toda a gente fica sempre com a ideia errada. O homem idoso acorda de repente, como se sentisse o cheiro a *gay*, e não para de olhar para nós, mesmo depois de eu lhe retribuir o olhar. O *hipster* dá-nos um sorriso tranquilizador. Dois *gays* a abraçarem-se no coração de Brooklyn não deveria ser assim uma cena tão revolucionária, mas de repente, parece.

Talvez seja a erva, ou talvez seja o facto de estar muito perto de ser considerado um adulto, mas de repente sinto-me um pouco temerário. Sussurro ao Ez:

— Queres dar um espetáculo a este tipo?

Faço sinal com a cabeça na direção do homem idoso que se recusa a desviar o olhar. O Ezra sorri e passa a mão pelo meu braço, e eu aconchego-me mais a ele, apoiando a cabeça no seu ombro — e depois o Ez exagera e enterra o rosto no meu pescoço, o que… pronto… nunca tive muita ação (ou seja, nunca tinha sido beijado), e só o facto de sentir a boca dele naquele lugar deixa-me doido. Deixo escapar um arquejo embaraçoso e o Ezra solta uma gargalhada abafada contra aquele *lugar sensível*.

Olho para cima e vejo o nosso público a fitar-nos, de olhos arregalados, totalmente escandalizado. Agito os dedos com rapidez para o

homem num meio aceno sarcástico, mas ele deve entender isso como um convite para falar.

— Sabem — diz ele com um ligeiro sotaque —, tenho um neto que é *gay*.

O Ezra e eu entreolhamo-nos com as sobrancelhas erguidas.

— Hum. Está bem — respondo.

O homem assente com a cabeça.

— Sim, sim… não fazia ideia, e depois um dia ele sentou-se ao pé de mim e da minha mulher, Betsy, antes de ela falecer, e ele estava a chorar, e disse-nos: Sou *gay*. Ele já sabia há anos, mas não disse nada porque tinha muito medo do que iríamos pensar. Não o posso censurar por ter medo. As histórias que se ouvem. E o seu próprio pai. De partir o coração. É de esperar que um pai ame sempre o seu filho, aconteça o que acontecer. — Ele faz uma pausa no seu monólogo, olhando em volta quando o metro começa a abrandar. — Enfim. Esta é a minha paragem.

Levanta-se quando as portas se abrem.

— Acho que iriam gostar do meu neto. Vocês parecem ser uns rapazes *gay* muito simpáticos.

E com isso, o homem avança na plataforma, enquanto a mulher com o carrinho de bebé o segue. Eu e o Ezra olhamos um para o outro e eu desato a rir. Ele abana a cabeça.

— Nova Iorque, pá — diz ele. — A sério. Só em Nova Iorque.

Saímos na estação de Lorimer/Metropolitan e descemos e voltamos a subir um monte de escadas para chegar ao metro L. É o dia 1 de junho… o primeiro dia do mês do Orgulho na cidade… por isso há cartazes com as cores do arco-íris colados a dizer «Não é permitida discriminação» nas paredes de azulejos. A plataforma está cheia de *hipsters* de Williamsburg, de pele rosada, e o metro demora uma eternidade a chegar.

— Merda. Vamos chegar atrasados — comenta o Ezra.

— Sim. Pois.

— O Declan vai ficar lixado.

Eu não me importo, para ser honesto. O Declan é um parvo.

— Não é como se pudéssemos fazer algo acerca disso, certo?

Quando o metro chega, toda a gente se debate para entrar e vamos todos apertadinhos, eu esmagado contra o Ezra, o cheiro a cerveja e a suor a impregnar o ar. O metro agita-se e abana, quase nos deixando de rastos — até que, finalmente, chegamos a Union Square.

É uma típica tarde cheia de gente na cidade. A quantidade absurda de pessoas é o que eu mais odeio em Lower Manhattan. Pelo menos em Brooklyn, podemos andar pela rua sem esbarrarmos contra vinte ombros e malas diferentes. Pelo menos em Brooklyn, não temos de nos preocupar se somos literalmente invisíveis por causa da nossa pele escura. Às vezes, tento andar atrás de uma pessoa branca, só para que, quando toda a gente sai do caminho dessa pessoa, não batam em mim.

O Ezra e eu avançamos por entre a multidão e passamos pelo mercado dos agricultores, com o cheiro a peixe a perseguir-nos. Estamos vestidos como sempre: apesar de ser verão, o Ezra usa uma *T-shirt* preta, com as mangas arregaçadas até aos ombros para mostrar a sua tatuagem de Klimt de *Judith e a Cabeça de Holofernes*. Veste umas calças de ganga pretas justas, cortadas uns centímetros acima dos tornozelos, uns *Converse* brancos manchados e umas meias compridas com imagens de Andy Warhol. Tem um *piercing* dourado no septo e o seu cabelo preto, espesso e frisado está preso num carrapito, com os lados rapados.

Sempre que estou perto do Ezra, os olhos de todos ignoram-me para o observarem a ele. Eu tenho o cabelo frisado, uma camisola larga sem mangas cinzenta que mostra as minhas cicatrizes escuras no peito, mais escuras do que o resto da minha pele castanho-dourada, uns calções de ganga, tatuagens pequenas e aleatórias que fiz por vinte dólares no Astor Place — o meu pai passou-se da primeira vez, mas já se habituou — e uns ténis velhos nos quais escrevi e desenhei com um marcador. O Ezra acha que os estraguei. Ele tem a mania de querer manter a *pureza da intenção do designer.*

Caminhamos por entre a multidão que se detém em frente às bancas do mercado dos agricultores que vendem frascos de compota e pão acabado de cozer e flores com explosões de cor, homens em fatos formais aos empurrões para passarem depressa, cães presos por trelas e crianças pequenas em trotinetas de três rodas que ameaçam fazer-nos

cair. Conseguimos sair do mercado dos agricultores e subir o caminho que atravessa o relvado verde onde alguns casais estão deitados sobre mantas. Alguns miúdos exibem-se nos seus *skates*. Raparigas com vestidos de verão e óculos de sol relaxam sentadas em bancos com livros que não estão realmente a ler.

— Relembra-me porque decidimos fazer este programa de verão? — interroga o Ezra.

— Para as nossas candidaturas à faculdade.

— Eu já te disse. Não vou para a faculdade.

— Oh. Então, sim, não faço ideia porque é que estás a fazer isto.

Ele sorri. Ambos sabemos que ele provavelmente vai viver do seu fundo fiduciário quando acabar o curso. Os pais dele são podres de ricos. Tão ricos que compraram um apartamento ao Ezra só para ele poder viver no bairro central de Brooklyn, Bed-Stuy, durante o verão, enquanto está no curso de artes. (E hoje em dia, apartamentos como o do Ezra valem cerca de um milhão de dólares.) Os Patels são a elite estereotipada de Manhattan: champanhe sem fim, angariações de fundos, bailes de gala e zero tempo para o próprio filho, que foi criado por três amas diferentes. É lixado, mas tenho de admitir que tenho inveja. O Ezra tem a vida toda à sua disposição numa bandeja dourada, enquanto eu vou ter de afiar as garras e lutar pelo que quero.

Sempre sonhei em ir para a Universidade Brown, mas as minhas notas não são exatamente excelentes, os meus resultados nos testes são inferiores à média e a taxa de aceitação é de 9 por cento. Não é que não tenha tentado. Estudei muito para os testes e escrevo todas as palavras que os meus professores dizem nas aulas para evitar que a minha mente divague. Como o meu pai disse, o meu cérebro está ligado de forma diferente.

O facto de ser quase uma certeza que não vou entrar na Brown faz-me por vezes sentir que não vale a pena sequer tentar. Mas já houve pessoas que entraram apesar de notas de merda nos testes, e mesmo que as minhas notas sejam más, a minha arte não é. Tenho talento. Sei que tenho. O portefólio tem mais peso para os estudantes que se candidatam para se centrarem na arte e, uma vez que o programa de verão

de St. Catherine's oferece créditos extras, há uma hipótese de subir as minhas notas de 14 e 15. Talvez ainda tenha uma hipótese de entrar.

A Leah, a Marisol e o Declan já estão nos degraus da Union Square para a sessão fotográfica de moda. A St. Cat's tem um horário diferente da maioria das escolas de Nova Iorque, e o programa de verão começou oficialmente há alguns dias. St. Catherine's gosta de iniciar o programa de verão com projetos para que possamos conhecer os alunos de outras turmas. O Ezra e eu inscrevemo-nos para uma sessão fotográfica de moda, usando alguns dos esboços dele. A Leah, com o seu cabelo ruivo e espesso, curvilínea, a pele superpálida, o *top* e os calções ligeiramente reveladores, tem a sua máquina fotográfica preparada para tirar fotografias. E, claro, a Marisol é a modelo. É tão alta como o Ezra, tem pele cor de azeitona, cabelo castanho grosso e sobrancelhas como a Cara Delevingne. Só de a ver fico com os nervos à flor da pele. O cabelo dela é um ninho gigante e tem penas verdes coladas nas pestanas para combinar com o batom. Usa o quarto vestido do alinhamento que tínhamos planeado: uma cópia de lentejoulas da Rihanna.

O Declan Keane está a coordenar isto tudo como realizador, o que me irrita imenso. Ele não tem nenhuma experiência como realizador, mas, de alguma forma, consegue sempre meter-se em tudo. Não ajuda o facto de o Declan agir como se a sua única missão na vida fosse tratar-me a mim e ao Ezra como merda. Fala mal de nós sempre que pode. Odeia-nos e está numa campanha para que toda a gente nos odeie também.

O Declan está ocupado a falar com a Marisol quando nos vê chegar. Os seus olhos cintilam. Ele cerra o maxilar.

— Tão bom ver-vos — diz-nos quando nos aproximamos, alto o suficiente para que algumas pessoas que se encontram nos degraus virem a cabeça. — Ezra, muito obrigado por teres vindo.

O Ezra murmura ao meu lado:

— Eu disse-te que ele ia ficar chateado.

O Declan bate palmas lentamente.

— É uma honra… não, a sério, é… que tenhas vindo ao teu próprio desfile de moda.

O Ezra ergue um punho, finge que o está a rodar, e levanta lentamente o dedo do meio. O Declan estreita os olhos para o Ezra quando nos aproximamos.

— Estás *pedrado*? — interroga ele, e o Ezra vira a cara para o outro lado. — Estás a gozar comigo, porra? Estamos todos aqui à espera há mais de uma hora e tu andas *a drogar-te*?

Tento intervir.

— Credo, relaxa.

Ele nem sequer se dá ao trabalho de olhar para mim.

— Vai-te lixar, Felix, a sério.

Não vale a pena tentar explicar que o nosso metro se atrasou.

— Tens razão — diz o Ezra. Acena com a cabeça a Leah e a Marisol, que nos estão a observar das escadas. — Desculpem. Perdemos a noção do tempo.

O Declan revira os olhos e murmura «ridículo como o caraças» como se nunca se tivesse atrasado para nada na vida. Houve uma altura, antes de ele decidir que era demasiado bom para mim e para o Ez, em que nós os três entrávamos na aula com trinta minutos de atraso, pedrados como o caraças — e agora, de repente, ele é o Segundo Advento? Meu Deus, não o suporto.

— Já vamos a meio — afirma o Declan, passando a mão pelos caracóis, como se não quisesse saber se estamos aqui ou não.

O Declan é multirracial — a mãe dele é negra e porto-riquenha, o pai é um branco da Irlanda —, por isso tem a pele castanha, mais clara do que a minha, e caracóis castanhos soltos com reflexos vermelhos que lhe caem à volta das orelhas, e os olhos castanho-escuros. É um pouco mais corpulento, tem os ombros largos — um desportista com roupa da *Old Navy*: *T-shirt* gráfica cor-de-rosa, calças de ganga largas e desbotadas, chinelos de dedo.

Vira-nos as costas.

— Vamos despachar-nos e acabar. Não quero ficar aqui o dia todo. Felix, vai segurar o refletor.

Não me mexo. Não consigo obrigar-me a fazer o que o Declan Keane me diz para fazer. Não com aquele tom desdenhoso.

O Ezra sussurra:

— Vá lá, Felix. Vamos acabar com isto.

Reviro os olhos e subo as escadas, pegando no refletor da pilha de materiais. O Declan ainda nem sequer se deu ao trabalho de me olhar de relance.

— Muito bem — diz ele —, vamos voltar ao trabalho. Marisol, acho que não devias sorrir nesta foto… a justaposição do retrato da Rihanna com uma expressão séria…

Fico completamente à nora. Cerca de 99,9 por cento do tempo, o Declan está a falar para ouvir o som da sua própria voz. A sessão fotográfica prossegue, a Leah a rodear a Mari com a câmara enquanto esta dá voltas e mais voltas, a olhar para o céu (o que é bom, porque é mais fácil evitar o contacto visual com ela), até que chega a altura do próximo *outfit*. Tenho de segurar um lençol à volta da Marisol, que olha fixamente para o chão, enquanto o Ezra a ajuda a vestir outro vestido que ele fez, este coberto com imagens do manga *Ataque dos Titãs*. Quando ela está pronta, o Declan dá as ordens.

— Leah, posiciona-te um pouco mais para a direita. Felix, mantém o refletor imóvel.

A Marisol protege a cara.

— E podes tirar a luz dos meus olhos, por favor?

A Mari e eu chegámos a sair juntos. Durante, tipo, duas semanas, por isso não é assim tão importante, mas ainda assim… não consigo deixar de me sentir um pouco irritado quando ela está por perto, acho eu, mesmo depois de todos estes meses. A Marisol age como se não tivesse acontecido absolutamente nada entre nós, o que adiciona sal na ferida. A forma como ela acabou as coisas também não ajuda.

O Declan estala-me os dedos. Literalmente, juro por Deus, *estala-me a porra dos dedos.*

— Eu disse para manteres o refletor imóvel. Credo, presta atenção.

Seguro o refletor mais alto.

— Mas que porra — murmuro para mim mesmo.

— Desculpa, que é que foi isso?

Devo ter falado um pouco mais alto do que pensava… porque quando olho para cima, estão todos a olhar para mim. A Leah morde o lábio. A Marisol ergue uma sobrancelha. O Ezra abana a cabeça do

outro lado do cenário, murmurando: *Não, não, por favor, Felix, não*. Isso também me irrita. Porque é que o Declan nos trata como lixo e nós temos de aceitar, sem queixas? Ignoro o Ezra e olho diretamente para o Declan.

— Eu disse: Mas. Que. Porra.

O Declan inclina a cabeça para o lado, cruzando os braços com um pequeno sorriso.

— O que é uma porra?

Encolho os ombros.

— Isto. — Aceno o refletor na sua direção. — Tu.

O sorriso dele transforma-se numa gargalhada de descrença.

— *Eu sou* uma porra?

— Não sabes nada sobre dirigir uma sessão fotográfica de moda — digo-lhe. — Só estás aqui porque és rico e o teu pai doa uma fortuna para a escola. Não é que tenhas merecido isto.

Consigo ver os olhos do Ezra a pousar no chão e sinto uma pontada de culpa.

O Declan não reparou. Ele sorri para mim, como se soubesse que isso ainda me irrita mais.

— Só estás zangado porque não és o realizador — comenta ele — e não podes acrescentar isso à tua candidatura da Brown. *O rapaz do refletor não é* exatamente muito impressionante, pois não?

Detesto que ele tenha razão — *estou* furioso por não poder descrever o facto de ser realizador na minha candidatura, enquanto o Declan pode usar isso, juntamente com as suas notas perfeitas, as notas quase perfeitas nos testes e o apelido da família… Eu sei que ele também se está a candidatar à Brown. Sei que é a sua primeira escolha, porque quando costumávamos andar juntos, planeávamos ir os dois para a Brown e obter o nosso diploma duplo: a Brown e a EDRI (Escola de Design de Rhode Island) ao mesmo tempo. O Ezra dizia que também iria para Rhode Island connosco, e seríamos nós os três, como sempre. Esse plano não durou muito tempo.

Além disso, a Universidade Brown tem a tradição de dar a um aluno de St. Catherine's uma bolsa de estudo completa. Eu não posso pagar a faculdade. O meu pai não vai poder pagar as propinas. Terei

de contrair inúmeros empréstimos e provavelmente ficarei endividado para o resto da minha vida, só para seguir ilustração — enquanto não consigo pensar em ninguém que precisaria, ou mereceria, essa bolsa de estudo menos do que o cabrão do Declan Keane. Só de pensar que ele vai obter essa bolsa dá-me vontade de enfiar um lápis nos olhos.

O Declan sorri para mim.

— O quê? Não tens mais nada para dizer?

— Esquece — diz-me o Ezra. Mas eu não consigo esquecer. Pessoas como o Declan estão tão habituadas a conseguir o que querem. A agir como se fossem muito melhores e mais importantes do que toda a gente. É isso que ele faz comigo — com o Ezra. O Ez age como se isso não o incomodasse, mas eu fico irritado sempre que vejo o Declan e me recordo da forma como ele nos tratou — a forma como nos traiu.

— Sabes que mais? — digo-lhe. — Vai-te lixar. Ages como se fosses melhor do que todos os outros, mas não passas de uma fraude.

O Ezra abana a cabeça, como se estivesse irritado *comigo*, como se achasse que estou a exagerar, apesar de saber que o Declan está a ser um idiota. A Leah e a Marisol ficam acanhadas de lado, a olhar para o Declan para ver o que ele vai fazer ou dizer a seguir.

O Declan cerra o maxilar.

— *Eu sou* a fraude? A sério?

O Ezra aponta para o Declan.

— Não. Não vás por aí.

O Declan revira os olhos.

— Caramba. Nem sequer era isso o que eu queria dizer.

Mas a insinuação está lá — implicação feita. Isso azeda o ar. O Declan solta um suspiro pesado, sem se incomodar em olhar para mim, e das inúmeras discussões que tive com o Declan Keane, sei que ganhei esta batalha específica. Mesmo que as suas últimas palavras ainda me estejam a torturar as entranhas. Eu ganhei, e em qualquer outra circunstância, ficaria feliz em ficar por aqui e aproveitar a glória —, mas a Marisol e a Leah estão a olhar para qualquer lugar menos para mim, e o Ezra tem os olhos cheios de preocupação, e sei que vai sussurrar «Estás bem?» a cada cinco minutos se eu ficar.

Deixo cair o refletor.

— Esquece.

Vou a meio das escadas quando o Declan diz que não está surpreendido. Este é o tipo de treta que faço sempre. Eu simplesmente ignoro-o e continuo a andar.





DOIS

A viagem desde Union Square não é tão má como a de Bed-Stuy, mas ainda passa mais uma hora antes de sair na paragem 145 em Harlem. Só estou a viver aqui há meio ano. O meu pai e eu vivíamos muito perto do sítio onde o Ezra está agora, em Tompkins. Tenho muitas saudades de Brooklyn, mas o nosso senhorio aumentou a renda e o meu pai não tinha como pagar. Trabalha quase todas as noites como porteiro de um condomínio de luxo em Lower Manhattan, e há dias em que tenta arranjar trabalhos extras, como fazer entregas e passear cães. Eu tenho uma bolsa de estudo para estudantes com talento e, mesmo assim, todo o dinheiro dele vai para mim e para St. Catherine's — só para que eu possa seguir a minha paixão pela arte. A pressão para ter melhores notas, para ter um portefólio e uma candidatura à faculdade fantásticos, para fazer que todos os sacrifícios valham a pena e conseguir entrar em Brown… às vezes deixa-me assoberbado, a ponto de ser difícil até respirar.

O meu pai diz-me para não me preocupar.

— Além disso — diz ele —, sempre quis viver no Harlem.

Não sei se está a mentir só para me animar, mas há definitivamente algo excitante neste bairro. Langston Hughes, Claude McKay e todos os outros poetas negros *queer* do Renascimento fizeram a sua arte aqui. Talvez estar no Harlem me tire do raio do bloqueio criativo em que estou e me inspire a fazer uma candidatura e um portefólio fantásticos para a Universidade Brown — suficientemente fortes não só para entrar, mas também para obter uma bolsa de estudo integral. Meu Deus,

quão incrível seria isso? Entrar na Brown seria como espetar o dedo do meio aos Declan Keanes do mundo — as pessoas que olham para mim e decidem que não sou suficientemente bom.

Ponho os auriculares e coloco Fleetwood Mac na minha *playlist* do Spotify enquanto desço a colina íngreme, passando pelo parque que evito a todo o custo, desde que um rato tentou subir-me pela perna enquanto atravessava o relvado uma noite. Passo pelo Starbucks — o derradeiro sinal de gentrificação em qualquer bairro — e pela Dollar Tree, o ginásio e a banca de fruta no passeio. Há limões, uvas, morangos e as mangas mais brilhantes que já vi. Parecem sóis em miniatura. Puxo do telemóvel e tiro uma foto para publicar no Instagram, apesar de não me classificar como o tipo de gajo que é #foodporn. O vendedor olha-me fixamente.

— Vais comprar alguma coisa?

Encolho os ombros.

— Não?

— Então põe-te a andar daqui para fora.

Subo o quarteirão, passo pelo restaurante chinês e pelo KFC, miúdos de bicicleta a fazer cavalinho e a gritar pela rua, sirenes de bombeiros a soar a alguns quarteirões de distância, um homem de tronco nu a passear o seu *Shih Tzu* sem trela. O prédio em que o meu pai nos arranjou um apartamento é todo em tijolo vermelho, e tem um pátio onde alguns rapazes estão sentados nos corrimões da rampa. Passo pelo átrio com azulejos castanhos e vasos de plantas nos cantos, uma rapariga fala ao telemóvel junto às escadas. O elevador leva-me até ao 5.º andar e, depois de percorrer o corredor que me faz lembrar o *The Shining*, destranco a porta e entro.

— Cheguei! — grito, sem saber se o meu pai está em casa. A *Captain*, que me deve ter ouvido a caminhar pelo corredor, está à espera junto à porta. Esfrega-se imediatamente na minha perna, com as costas arqueadas e a ronronar, a cauda a abanar para trás e para a frente. Encontrei-a ainda bebé no Brooklyn, num dia de inverno, quando ia a caminho do meu apartamento em Bed-Stuy com o Ezra, e tive medo de que ela morresse se não a socorresse, por isso trouxe-a para casa. O meu pai ficou furioso, mas deixou-me aquecê-la e dar-lhe leite, e um

dia transformou-se em alguns dias, que se transformaram em algumas semanas e, passados alguns meses, o meu pai teve de admitir que também gostava dela. Agacho-me para pegar na *Captain*, mas ela desaparece num instante, fugindo de mim em direção à cozinha.

O apartamento é mais pequeno do que o que tínhamos em Bed-Stuy. As paredes estão pintadas de creme, o chão de madeira castanho-clara está desgastado, uma unidade de ar condicionado está enfiada na única janela da sala de estar. Tecnicamente, é um apartamento de um quarto, mas há uma pequena sala sem janelas que deveria ser um espaço de escritório e que agora se tornou o meu quarto. Tem apenas o tamanho suficiente para caber o meu colchão, uma mesa de cabeceira e uma cómoda encostada à parede. Disse ao meu pai que me sentia como se estivesse a dormir num armário. Estava só a brincar, mas senti-me mal assim que o disse. O meu pai esforça-se imenso, eu sei que sim — e queixar-me do meu novo quarto, quando ele se tem esforçado tanto por mim e pela minha escola, não foi propriamente o meu momento de glória.

O chão de madeira range quando entro na cozinha, onde vejo uma caixa do Jacob's, a comida mais barata e deliciosa que existe de *takeaway* das redondezas: guisado de carne, ervilhas e arroz, bananas-da-terra e massa com queijo. O meu pai está em casa, o que não é de estranhar, uma vez que vai ter de sair para o trabalho dentro de poucas horas. O meu pai sempre foi o tipo de pessoa que faz biscates. Disse-me uma vez que a sua paixão não é o trabalho, é a família. Ele teria sido totalmente feliz como pai a tempo inteiro. A minha mãe trabalhava como enfermeira no hospital, trazia o dinheiro para casa, acho eu, mas quando ela se foi embora, tudo se desmoronou. Agora, o meu pai está a esforçar-se para me mandar para uma escola privada cheia de miúdos ricos, só para que eu possa viver o meu sonho e ter a oportunidade de ir para uma escola da Ivy League, tudo isto enquanto finge que não estamos a ter dificuldade em nos mantermos à tona. A voz do Declan Keane ecoa na minha cabeça. Eu sou a verdadeira fraude. O que irrita é que ele tem razão.

Ponho-me à vontade na sala de estar, descalço os ténis e pego no portátil que está na mesa de café, esparramando-me no sofá confortável. Acabo sempre no mesmo local: a minha pasta de rascunhos do *e-mail*.

Tenho 472 rascunhos de *e-mails*. Todos eles são para a mesma pessoa: Lorraine Anders. Este é o apelido dela, depois de se ter divorciado do meu pai e ter deixado de ser *Love*.

Clico em *Compor* para escrever uma nova mensagem e escrevo *olá outra vez* na linha de assunto.

Olá, Mãe.

Este é o 473.º *e-mail* que te escrevo.

Isso é… imenso.

Será que é estranho? Achas que sou uma aberração, escrevendo-te todas estas mensagens não enviadas durante anos e acumulando-as na minha pasta de rascunhos?

Também não te vou enviar este *e-mail*. Já sei que não o vou fazer. Mas talvez, um dia, ganhe coragem para te enviar um *e-mail* que espero que leias e depois fique à espera junto do meu portátil a atualizar o meu Gmail para ver se respondes. Nem sequer sei o que diria esse *e-mail*. *Como estás? Como é que está a Florida? Como estão a minha meia-irmã e o meu padrasto? Alguma vez pensas em mim? Ainda gostas de mim?*

De qualquer forma, sabes que comecei agora o programa de verão e tinha um projeto de grupo. Resumindo, o Declan Keane estava lá. Já te falei dele antes. Ele irritou-me, como sempre faz. Mas… vê só… o *Ezra* ficou zangado *comigo* por eu ter discutido com o Declan. Quero dizer, mas que raio? A Marisol também lá estava. Sinto-me tão estranho sempre que ela está por perto e gostava de descobrir uma forma de… Não sei, fazê-la ver que estava enganada a meu respeito. Eu sei que não posso *obrigar* ninguém a fazer nada, mas mesmo assim é muito mau quando ela me ignora ou age como se não quisesse saber de mim e da minha existência. Faz-me sentir… bem, acho que um pouco como tu me fazes sentir. Só que tu és 10 000 vezes pior. Porque tu és, bem, a minha mãe.

Pronto, chega de pena de mim mesmo por hoje. Talvez um dia eu clique em enviar cada uma destas mensagens só para inundar a tua caixa de entrada. Mas até lá…

O teu filho,

Felix

A porta do quarto abre-se e o meu pai sai de lá com os olhos a brilhar. Fecho o portátil. Sei que isto faz parecer que estou a ver pornografia ou assim, mas o meu pai não repara. Está vestido com a camisa branca de colarinho e gravata, com o casaco pendurado no braço. O seu cabelo grisalho está a ficar calvo e o seu corpo parece mais magro a cada ano que passa.

— Olá, miúdo — diz ele, pois ainda tem dificuldade em dizer o meu nome.

O meu pai e eu não nos víamos há três dias. O programa é basicamente um campo de férias, mas na cidade em vez de na floresta. A maioria dos outros estudantes fica no *campus*, nos dormitórios, «para uma experiência criativa imersiva», como St. Catherine's gosta de dizer, e como as aulas são mesmo ao fundo da rua do apartamento do Ezra, tento ficar com ele o máximo possível. O meu pai, no entanto, disse que me queria aqui, com ele. Argumentei que é importante para mim adquirir competências para a vida antes de entrar na faculdade e habituar-me à ideia de viver sozinho, o que é apenas meia treta, por isso chegámos a um compromisso: passo uns dias com o Ezra e outros em casa. Basicamente, tenho estado a viver o sonho. Não há muitos adolescentes que tenham a oportunidade de viver sem adultos *antes* da faculdade.

— Já comeste alguma coisa? — pergunta-me o pai, enquanto se aproxima do recipiente de plástico da comida.

— Não — respondo, abrindo novamente o portátil e entrando no Instagram para ver quantos gostos teve a minha publicação #foodporn das mangas. Até agora, dois: um do Ezra e outro da conta falsa do Ezra.

— Como vão as coisas? — pergunta o meu pai, com a boca cheia de macarrão com queijo. — Como é que está o Ezra? Tens comido bem, tens ido para a cama a uma hora razoável, tens feito o teu trabalho e tudo? — Hesito. Acho que ele não quereria saber que temos ficado acordados até às três da manhã a fumar erva, ou que eu ainda estou a lutar para me recompor. Ele continua. — Confio em ti para seres

responsável. Sabes disso, não sabes? — Então… — Ah, merda… raios partam, a gata mijou em todo o lado outra vez.

Ajudo-o a pegar em toalhas de papel para limpar a porcaria enquanto ele murmura qualquer coisa sobre a necessidade de levar a *Captain* ao veterinário, e eu digo que a *Captain* deve andar apenas ansiosa. Ela nunca gostou deste novo espaço — não podemos abrir a única janela, e não há varanda, nem escada de incêndio, nenhum sítio para ficar lá fora. Eu percebo. Também me sinto muito aprisionado neste apartamento.

O meu pai aponta para o rolo de papel que tenho nas mãos e diz o meu nome para chamar a minha atenção — mas não o meu nome verdadeiro. Ele diz o meu nome antigo. Aquele com que nasci, aquele que ele e a minha mãe me deram. O nome em si não me incomoda muito, acho eu, mas ouvi-lo dizer em voz alta, dirigido a mim, provoca-me sempre uma dor lancinante no peito, uma sensação de afundamento nas entranhas. Finjo que não o ouvi, até que o meu pai repara no seu erro. Há um silêncio estranho durante alguns segundos, antes de ele murmurar um pedido de desculpa rápido.

Nunca falamos sobre isso. O facto de ele não gostar de dizer o nome Felix em voz alta. O facto de se enganar sempre e usar os pronomes errados, sem se dar ao trabalho de se corrigir. O facto de algumas noites, quando bebe demasiado uísque ou cerveja, me dizer que serei sempre a sua filha, a sua menina.

Pouso o rolo de papel no chão e dou os dez passos até ao meu quarto, fechando a porta atrás de mim com um estalido suave.

— Miúdo — ouço o meu pai chamar, mas ignoro-o enquanto me deito na cama, olhando para a lâmpada a piscar. A *Captain* aparece do nada, saltando para o meu colo e roçando a cabeça na minha mão, e tento não chorar, porque por muito zangado que esteja com ele, não quero que o meu pai me ouça.

Espero à porta do prédio de apartamentos cinzento, de aço e vidro do Ezra, de óculos escuros para proteger os olhos da luz brilhante do verão. São sete horas da manhã, e o ar ainda tem aquele frio matinal. O Ez vem a descer as escadas e a sair pela porta da frente, também de óculos de sol. Detesto o facto de sermos tão previsíveis neste momento.

— Que se passa *contigo*? — pergunta imediatamente o Ezra. O cabelo dele está solto, mas não parece que se tenha dado ao trabalho de o pentear, por isso os caracóis emaranhados caem-lhe sobre os olhos. O Ezra consegue sempre perceber quando estou zangado ou chateado. Ele diz que é muito empático. Eu acho que ele só diz disparates.

— Nada. — Fica a olhar para mim enquanto caminhamos, à espera, por isso digo: — É só o meu pai. Voltou a chamar-me pelo «nome morto[1]».

— Merda — murmura o Ez. — Lamento.

Encolho os ombros, porque embora queira dizer que está tudo *bem*, na verdade não está. Algumas pessoas trans sempre souberam exatamente quem eram, declarando o seu género e pronomes corretos quando eram crianças e insistindo para que lhes dessem roupa e brinquedos diferentes. Mas eu demorei algum tempo a descobrir a minha identidade. Sempre detestei que me obrigassem a vestir vestidos e que me dessem bonecas. Os vestidos e as bonecas nem sequer eram o verdadeiro problema. A verdadeira questão era eu perceber que se tratava de coisas que a sociedade atribuía às raparigas e, embora eu nem sequer soubesse o que significava *transgénero*, havia algo em ser forçado a desempenhar o papel de *rapariga* que sempre me chateou imenso. Sempre tentei alinhar com os outros rapazes quando os professores nos separavam. Seguia esses rapazes nos parques infantis, chateado por eles me ignorarem e me afastarem. Às vezes, tinha sonhos — sonhos em que estava num corpo diferente, o tipo de corpo que a sociedade diz que pertence aos homens. Ficava tão feliz, mas depois acordava e via que nada tinha mudado. Lembro-me de pensar para mim próprio: *Espero que, se reencarnar, nasça um rapaz.*

Foi só aos doze anos, há quase cinco, que li um livro que tinha uma personagem trans: *I Am J*, de Cris Beam. Ao ler sobre J, foi como… Não sei, não só se acendeu uma luz em mim, como o próprio Sol saiu de trás destas nuvens eternas, e tudo dentro de mim brilhou com a compreensão: Eu sou um rapaz.

Sou um rapaz, porra.

[1] *Deadnaming* é o uso do nome civil ou nome anterior (chamado de «nome morto») de uma pessoa transgénero ou não-binária sem o seu consentimento. (*N. da R.*)

Demorei alguns meses a passar-me e a tentar perceber se era mesmo trans ou não. Mais uns meses a pensar na melhor forma de contar aos meus pais. Sentei-me com o meu pai na sala de estar do nosso antigo apartamento em Bed-Stuy. Senti que ia vomitar o tempo todo e estava tão nervoso que as únicas palavras que consegui dizer foram: «Pai, tenho uma coisa para te contar» e «Sou trans.» Ele ficou calado. Tinha uma expressão, como se estivesse confuso. E depois disse: «Está bem.» Mas percebi que não estava tudo bem, não para ele — percebi que a coisa de *me assumir* não estava a correr muito bem. Ele disse que estava cansado e foi para a cama, e foi o fim da conversa. Enviei um *e-mail* à minha mãe no dia seguinte, uma vez que ela vive na Florida com o meu padrasto e a minha meia-irmã desde os meus dez anos. Ela nunca respondeu. Foi a primeira e última vez que carreguei no botão *enviar* num *e-mail* que lhe escrevi.

Foi quase um ano inteiro a implorar para que o meu pai concordasse em deixar-me ir ao médico para tratar da questão das hormonas. Nem sempre é fácil começar a tomar hormonas, por isso tive sorte por ter conseguido. Foi por volta dessa altura que comecei a mostrar que tinha muito talento para a arte e ele decidiu mandar-me para St. Catherine's, o que foi ótimo, porque não tinha de estar perto das pessoas que me conheciam. De qualquer forma, eu não tinha amigos na minha antiga escola, por isso não foi um grande problema. Foi preciso muita persuasão e a ajuda do meu médico, mas há quase um ano o meu pai até me ajudou a fazer a cirurgia aos seios. Sei a sorte que tenho por isso. Nem toda a gente que quer ser operada consegue pagar a cirurgia. O meu pai teve de tratar de muita papelada e cartas, provedores e tudo, e teve de resolver a questão do meu seguro de saúde para que isso acontecesse. Mesmo assim, ainda teve de pagar algum dinheiro do seu bolso. Por muito que ele me chateie às vezes, nunca teria conseguido iniciar a minha transição física sem o meu pai. Talvez seja isso o mais confuso de tudo: Porque é que ele pagaria o tratamento hormonal, a cirurgia, as consultas médicas, tudo — e depois recusa-se a dizer o meu nome verdadeiro?

O Ezra conheceu-me logo no início da minha transição. Sentávamo-nos ao lado um do outro nas aulas e gravitávamos em torno dos comentários sarcásticos que trocávamos, até que demos por nós a

passar praticamente juntos todos os segundos de cada dia. O Ezra só me conhece como Felix. Não lhe disse, nem a ninguém, o meu antigo nome. Tentei apagar todas as provas da existência da minha vida passada: fotografias ou vídeos em que tenho cabelo comprido, ou em que uso vestidos, ou qualquer coisa que a sociedade prescreve às *raparigas*. Simplesmente já não é quem eu sou — quem alguma vez fui. É engraçado. De certa forma, acho que experimentei a reencarnação. Comecei uma nova vida, numa nova forma física. Consegui exatamente o que desejava.

O meu pai pediu-me que guardasse algumas das minhas *fotografias* antigas — *para recordação, não sabes se um dia vais querer recordar quem eras*. Não era exatamente para mim. Percebi que ele queria aquelas fotos para ele, uma última âncora de quem ele acha que eu era, ou de quem ele acha que ainda sou, o que é motivo suficiente para eu querer apagar todas e cada uma delas. Tenho as fotografias guardadas no Instagram, e já estive muito perto de as apagar algumas vezes. Sinto uma guinada de náusea sempre que vejo o meu antigo eu aparecer na minha galeria. Mas continuo a guardar as fotografias. É estranho. Ele chateia-me, mas continua a ser o meu pai, e não devia sentir que lhe devo alguma coisa por me ter ajudado na minha transição, mas sinto. Acho que percebi que não tem importância. Escondi as fotos do público. De qualquer forma, só eu posso aceder a elas. Não faz mal nenhum mantê-las por perto até o meu pai me aceitar finalmente como sou.

Mas… Mesmo depois de me ter assumido, mesmo depois de ter iniciado a minha transição, às vezes tenho esta sensação. A sensação de que algo ainda não está bem. As perguntas emergem à superfície. Essas perguntas começam a puxar este fio de ansiedade e receio que se puxar com demasiada força, ele se desfaça e fique completamente desfeito. Talvez seja por isso que odeio o facto de o meu pai me chamar pelo meu nome morto, mais do que qualquer outra coisa. Deixa-me a pensar se sou mesmo o *Felix*, por mais alto que grite esse nome.